

Educação, cultura e corporeidade: um olhar a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty

*Luiz Anselmo Menezes Santos**

Resumo

O propósito que norteia este artigo centra-se no estudo acerca das inter-relações entre educação, cultura e corpo, procurando estabelecer uma aproximação com os pressupostos da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. Assim, é essencial que se atente aos sentidos atribuídos ao corpo em nossa sociedade, bem como das consequências do seu significado no campo educacional. Hoje em dia, podemos perceber a influência dos aspectos culturais em suas práticas como forma de entender as diversas manifestações corporais. O corpo, entendido em sua totalidade, ou seja, para além da estrutura orgânica, compreende toda uma complexidade que envolve o sentir, o perceber, o pensar e o agir dos indivíduos, revelando a intencionalidade de suas ações, o que caracteriza o homem como um ser repleto de subjetividade. Neste trabalho, assumimos o posicionamento que leva em consideração a ideia de que as experiências constituem a base do conhecimento, e são adquiridas no próprio mundo, aquele que está ao nosso redor, e que só existe efetivamente quando lhe atribuímos um sentido. Ao considerar a concepção de Corpo Próprio de Merleau-Ponty, assumimos a defesa de que o corpo não pode ser tratado como se fosse uma justaposição de partes que interagem entre si. Considerando o conceito de Corpo Próprio, o movimento é visto como uma experiência espontânea e intencional.

Palavras chave: Corporeidade; Fenomenologia; Educação.

* Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da UFS. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED. Coordenador do grupo de pesquisa Educação, Cultura e Corporeidade na linha de pesquisa Educação e Corporeidade. Integrante do grupo de Pesquisa LAISTHESIS - Laboratório de Estudos sobre Corpo, Estética e Sociedade na linha de pesquisa Práticas corporais, cuidar, arte e relações sociais. Email:anselmomenezes@ufs.br

Education, culture and corporeity: a view from the phenomenological perspective of Merleau-Ponty

Abstract

The purpose that guides this article focuses on the study of the interrelationships among education, culture and body, seeking to establish an approximation with the assumptions of the phenomenological perspective of Merleau-Ponty. Therefore, it's essential to be aware of the meanings assigned to the body in our society, as well as of the consequences of its meaning in the educational field. Nowadays, we can perceive the influence of cultural aspects in their practices as a way to understand the different body manifestations. The body, understood in its entirety, that is to say, beyond its organic structure, comprises an entire complexity that involves the feeling, understanding, thinking and acting of individuals, revealing the intention of their actions, which characterizes man as a being full of subjectivity. In this paper, we assume the position that takes into consideration the idea that experiences are the base of knowledge, and are acquired in the world itself, the one which is around us and that just happens to exist effectively when we attach sense to it. When considering the conception of Merleau-Ponty's *One's Own Body*, we assume the defense that the body cannot be treated as if it were a juxtaposition of parts that interact with each other. When considering the concept of *One's Own Body*, movement is seen as a spontaneous and intentional experience.

Keywords: Corporeity; Phenomenology; Education.

Educación, cultura y corporeidad: una mirada desde la perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty

Resumen

El propósito que guía este artículo se centra en el estudio de las interrelaciones entre educación, cultura y cuerpo, tratando de establecer una aproximación con las suposiciones de la perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. Por lo tanto, es esencial prestar atención a los significados asignados al cuerpo en nuestra sociedad, así como de las consecuencias de su significado en el campo educativo. Hoy en día, podemos percibir la influencia de los aspectos culturales en sus prácticas como una manera de entender las distintas manifestaciones corpóreas. El cuerpo, entendido en su totalidad, o sea, más allá de la estructura organizativa, comprende una toda complejidad que involucra el sentir, entender, pensar y actuar de los individuos, revelando la intencionalidad de sus actos, lo que caracteriza al hombre como un ser lleno de subjetividad. En este documento, asumimos la posición que toma en consideración la idea de que las experiencias son la base de conocimiento y son adquiridas en su propio mundo, uno que está a nuestro alrededor, y es solamente eficaz cuando se adjunta un sentido. Al considerar el diseño de cuerpo propio de Merleau-Ponty, asumimos que la defensa del cuerpo no puede ser tratada como si se tratara de una juxtaposición de las partes que interactúan entre sí. Considerando que el concepto del cuerpo propio, el movimiento es visto como una experiencia espontánea e intencional.

Palabras clave: Corporeidad; Fenomenología; Educación.

Introdução

Podemos observar um crescimento nos últimos anos de estudos e pesquisas relacionadas à corporeidade, apontando a necessidade de ampliação do entendimento do corpo para além do aspecto mecanicista. Dentro desta nova lógica, o corpo não é mais entendido como a soma de partes, e a corporeidade passa a ser considerada como elemento de expressão e linguagem, construída a partir de códigos e crenças que se tornaram apropriados em virtude de um determinado padrão cultural produzido e herdado pelo contexto percebido. Nesta linha de raciocínio, o ser humano é visto como produtor e transmissor de cultura, levando em consideração que as práticas sociais denotam conotações distintas em cada contexto social.

O sujeito, no seu modo de ser no mundo e em sua expressão como Corpo Próprio, manifesta-se como uma dimensão temporal e histórica, cujo significado se revela ao se relacionar com outras pessoas, membros da família, amigos, colegas, sociedade, cultura, história, governos. Portanto, tudo que aparece a ele é constituído de sentido e carregado de significado. O discurso, a linguagem ou a relação com o outro se torna parte do seu mundo.

Nesse sentido, o indivíduo é percebido como uno, manifestando seus sentimentos e suas ações num todo vivido. O que se diz agora é que as formas psíquicas são exatamente simbolizadas pelas formas psicológicas objetivas. O corpo torna-se a ligação entre o sujeito e o mundo e, por essa razão, ele não pode ser puro fisiologismo. Foi Merleau-Ponty (1999) quem nos mostrou a existência de diversas maneiras de manifestação do corpo. Nossas experiências constituem a base do conhecimento, e são adquiridas no próprio mundo, aquele que está ao nosso redor, e que só existe efetivamente quando lhe atribuímos um sentido. O mundo está aí mesmo, ele é inesgotável, pois o conhecimento que podemos ter dele é em perspectiva, ou seja, há várias possibilidades ou ângulos para apreendê-lo, dependendo das nossas vivências. Sendo assim, a consciência está ininterruptamente voltando-se para o mundo e buscando, através da essência, um contato mais direto e profundo com a existência ou, em outros termos, com o próprio mundo.

A sociedade constantemente produz valores, crenças, padrões, os quais são construídos socialmente¹. Isso acaba levando o ser humano apenas a reproduzir a cultura da qual faz parte, por não estar consciente das influências da estrutura social. Com isso, não consegue se perceber como um sujeito capaz de transformar o seu contexto social. Desta forma, o papel da educação escolar, e mais especificamente da educação física escolar, nas sociedades modernas, não pode mais ser somente de transmissão da cultura, mas também de reflexão, de avaliação e de transformação dos bens e técnicas culturais em favor do bem comum.

O corpo é, portanto, algo impregnado pelos padrões culturais e a maioria das pessoas não compreende que o que elas manifestam são padrões impostos pela sociedade, acreditando verdadeiramente que suas escolhas são espontâneas, sem se importar com causas e origens. Essa visão fechada impossibilitará a pessoa de se analisar e observar o seu comportamento diante do mundo acreditando ser essa a expressão mais pura do seu ser. Quando o indivíduo inicia um processo de auto-percepção e reconhece a construção do corpo considerando os padrões, ele tem a oportunidade de observá-los, incorporando-os, e é dessa forma que poderá auto perceber-se, reconhecendo-se como ser influenciado e influenciador, podendo desenvolver sua autonomia diante de modelos preestabelecidos.

O ser humano cada vez mais se vê diante de inúmeras situações às quais precisa adaptar-se. O modelo de vida baseado no egocentrismo tem gerado resultados destrutivos e grandes conflitos ao mundo sob a forma de exploração e violência de homens contra seus semelhantes. Entretanto, sabemos que a crise, seja de natureza pessoal ou coletiva, é também a mola propulsora de mudanças, já que todos os seres em evolução sofrem transformações. Não existe processo de mudança sem conflito ou desordem, por isso devemos encarar o momento de desequilíbrio e desestruturação dos padrões preestabelecidos como sendo uma oportunidade ou sinal para assumirmos a responsabilidade de restabelecer novos parâmetros e materializar soluções, na intenção de compreender o sentido da vida.

É, portanto, através do corpo que o ser humano interage com o mundo e com os outros, caracterizando-se como ser social pertencente a um meio em que as possibilidades são exploradas de acordo com suas representações de corpo ou corporeidade, ou ainda, corpo-sujeito. Quando o indivíduo se torna consciente da sua corporeidade ele poderá observar e estabelecer seus próprios princípios.

Por isso, como vivemos um contexto em que somos identificados por informações relacionadas às características físicas, diferenciando um sujeito do outro, o corpo, enquanto meio de o homem estar no mundo, passa a ser importante no processo de compreensão e formação da identidade humana. Sendo assim, é por meio desse processo de descoberta de si e do outro que o homem, como membro da sociedade, influencia a construção desta e, simultaneamente, é influenciado por ela. Entretanto, devido à ordem social estar mais direcionada para questões objetivas e naturais, pode-se afirmar que existe uma restrição na forma como o indivíduo se expressa no mundo e com o mesmo. Isto porque tal compreensão de corpo está ligada às estruturas social, política, econômica e cultural, bem como à organização de cada sociedade. Seguindo este pensamento, apesar de ser possível afirmar que o ser humano possui uma natureza, considera-se mais interessante dizer que ele constrói a si mesmo ao interagir com a natureza, sendo que esta construção deve ser entendida em relação ao biológico e ao social. No entanto, percebe-se que como o processo social passou a ser mais complexo quanto a sua estrutura, o indivíduo, precisando se adaptar a esta, se afastou cada vez mais da sua capacidade sensível e perceptiva, ocorrendo também um distanciamento do corpo nos seus modos de sentir, pensar e agir.

Considerações sobre o corpo próprio

Na obra de Merleau-Ponty (1999), a ideia de Corpo Próprio, como crítica ao modelo estrutural do corpo objeto (fragmento do mundo mecânico), configura-se como uma linguagem, confirmando assim as dificuldades do pensamento moderno para traduzir a complexidade dos processos corporais do ser humano com relação à perspectiva do ser e da experiência dos

homens. Especialmente na “Fenomenologia da Percepção”, encontramos o corpo relacionado à ideia de consciência. O filósofo busca radicalizar a compreensão da consciência em relação ao corpo, defendendo que não há um setor central para o comportamento e “a consciência do corpo invade o corpo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 114)

A consciência é entendida não à maneira do *cogito* cartesiano, mas dimensionada pelo corpo, via universo da percepção, compreendida como motricidade. Nesse sentido, a consciência do corpo é encarada como representação ou conhecimento do corpo. Esta representação não é intelectual, uma imagem idealizada, uma fotografia ou cópia da realidade, mas um conhecimento perceptivo possibilitado pelo movimento.

Neste sentido, é importante esclarecer que, segundo Merleau-Ponty (1999), o método cartesiano, que está fundamentado na razão, influenciou todo o progresso científico e instituiu as separações entre mente e corpo, e entre teoria e prática. Desta forma, foi criada a ideia de que o intelecto está no cérebro, sendo este órgão considerado o mais importante do corpo humano. Além disso, o trabalho mental recebeu um valor especial em relação ao braçal.

Baseando-se neste pensamento, é possível observar o êxito do cartesianismo, adquirido com o avanço da medicina, que através da análise e dissecação do corpo generalizou os cuidados com o mesmo por encontrarem os mesmos princípios morfológicos e funcionais. Assim, comenta-se que como os corpos eram considerados basicamente iguais, o que caracterizava a individualidade era a mente pensante.

Merleau-Ponty afirma que, na perspectiva fenomenológica, o corpo é compreendido não como objeto ou um modo do espaço objetivo, tal como o concebe a fisiologia mecanicista, que reduz a ação ao esquema estímulo-resposta e a percepção como ordenadora do sensível; nem a partir da ideia de corpo, como o faz a Psicologia Clássica, mas a partir da experiência vivida. “O corpo objetivo não é a verdade do corpo fenomenal” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.578).

A ideia de corpo revela o corpo que habita o espaço, ou seja, o corpo contextualizado, e que se torna essencialmente uma característica da auto-organização humana. A consciência quando vivenciada na educação, pode abrir perspectivas de construção e produção de equilíbrio nos processos de aprendizagem, nos quais a discussão sobre o conhecimento abarca hoje todos os processos naturais e sociais.

A experiência do corpo ajuda-nos a compreender os sentidos construídos artificialmente pelos conceitos, pela linguagem, pela cultura de um modo geral. Pelas diferentes possibilidades de expressão corporal podemos compreender a indeterminação da existência, possuindo vários sentidos, elaborados na relação consigo mesmo, com o outro, com o próprio mundo. Trata-se de outro gênero de compreensão do ser, entendendo esse outro como alteridade, como aspecto diverso, ao assentar a ontologia humana a partir de elementos até então consideradas inferiores, a saber: o corpo, o movimento, a percepção e a sensibilidade:

O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significado: é o caso dos hábitos motores como a dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 203).

O corpo, entendido em sua totalidade, ou seja, para além da estrutura orgânica, compreende toda uma complexidade que envolve o sentir, o perceber, o pensar e o agir dos indivíduos, revelando a intencionalidade de suas ações, o que caracteriza o homem como um ser repleto de subjetividade. As vivências porque passam os indivíduos têm significados e sentidos particulares, de acordo com a singularidade subjetiva de cada um.

A célebre frase: “Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo” (MER-

LEAU-PONTY, 1999, p. 207 – 208), representa a compreensão do Corpo Sujeito. É o corpo que nos faz ser essencialmente seres de relação com o mundo e com os outros. Nessa perspectiva, o corpo não é uma coisa nem uma ideia abstrata, ele é presença sensível e intencional, que faz do sujeito perceptivo uma consciência encarnada no mundo, capaz de reaprendê-lo constantemente. É por esta razão que, para Merleau-Ponty, a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo que realizamos permanentemente. Tal assertiva significa que a subjetividade coincide com os processos corporais; em contrapartida, é preciso considerar que: “ser corpo é estar atado a um certo mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 205). O entendimento do ser-no-mundo, é condição necessária para o ser humano voltar-se para si mesmo e organizar seu modo de existir; afinal, somos seres sociais e “possuímos” uma consciência.

Segundo Dartigues (1973), a fenomenologia pretende descrever os fenômenos, e não explicá-los ou buscar relações causais, investiga as coisas mesmas como elas se manifestam. Voltar às coisas mesmas significa voltar ao mundo da experiência considerando que, antes da realidade objetiva, há um sujeito que a vivencia e, antes de todo conhecimento, há uma vida que o fundamentou. Significa que o conhecimento está na origem da experiência que é pré-reflexiva. A visão da essência do fenômeno torna-se possível por uma noção fundamental, o princípio da intencionalidade.

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se pode compreender o homem o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’ (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

A fenomenologia descreve a experiência do homem tal como ela é, e não segundo as proposições pré-estabelecidas pelas ciências naturais. Trata-se de uma forma particular de fazer ciência: a pesquisa qualitativa, que substitui as correlações estatísticas pelas descrições individuais, e as conexões causais por interpretações oriundas das experiências vividas, cujos atos, gestos

e hábitos, refletem um significado. A consciência, mediante a intencionalidade, é compreendida como atribuidora do significado para os objetos. Sem estes significados, não se poderia falar nem de objeto nem de essência do objeto.

Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 269).

Por outro lado, é importante também levar em consideração outra ideia, a qual mostra que devido ao fato de o corpo durante muito tempo ter sido visto como um tabu, onde era considerado algo profano, devasso e, conseqüentemente, desagradável, é que surge a necessidade de novas concepções e experiências que proporcionem discussões originais sobre a dimensão corporal. Deve-se esclarecer, todavia, que esta ideia ajudou a revelar a história de um corpo contido e domesticado pelas determinações de um projeto que visa tornar o indivíduo civil e com bons hábitos.

Hoje, o conhecimento científico restringe o conceito de corpo, comparando-o a uma máquina, sem vontade própria, que age de forma mecânica e descontextualizada, que se submete aos valores e normas estabelecidas pela sociedade.

Mas o corpo que tenho corresponde ao corpo que sou? O corpo é uma evidência que acompanha todo ser humano, do nascimento à morte. A partir de quando e por quais motivos surge o interesse pelo corpo? Esse interesse é antigo. Da magia à ciência, passando pela religião e por diferentes disciplinas, encontramos o desejo de conhecer o corpo e seus processos misteriosos, seus humores, seus ritmos, sua linguagem. Espaço tanto biológico quanto simbólico, o corpo é o traço mais significativo da presença humana. Pesquisar seus segredos tem sido o objeto de muitas culturas. O corpo como espaço recortado por práticas de saber, de poder, de subjetivação, instituídas por diversas disciplinas, não poderia, a meu ver, ser abordado em sua totalidade. A ciência, a filosofia e a educação, cada uma à sua maneira, criaram discursos sobre o

corpo; os discursos, por sua vez, transformam-se em atos, em agenciamentos ou em usos do corpo nas diferentes instituições. Em geral, os agenciamentos operam pelo princípio civilizador, impondo a necessidade de controle do corpo (NÓBREGA, 2005, p. 611).

Desta forma, para se manterem determinadas normas e valores com a finalidade de se garantir a organização social e o indivíduo bem disciplinado, tem-se colocado como necessária a atribuição de padrões como vergonha, honra, dignidade, direitos e deveres ao homem.

É preciso buscar um nível de reflexão e de experiência que ajudem o homem a entender que estamos vivendo em um mundo orientado por símbolos e representações, no qual o ser humano é seu corpo, sua forma de se vestir e de se comunicar, sendo que convive com esses suportes como se não tivessem características finitas e mutáveis. Sendo assim, o corpo por não ser uma mera representação individual, expressa os valores comuns da vida em sociedade de diferentes maneiras. Isto porque a motricidade, enquanto manifestação da presença no mundo, mostra um conhecimento ampliado de como a sociedade pensa sobre si mesma, já que a atuação do corpo no social é sempre intermediada pela cultura.

Sou uma estrutura psicológica e histórica. Com a existência recebi uma maneira de existir, um estilo. Todos os meus pensamentos e minhas ações estão em relação com esta estrutura, e mesmo o pensamento de um filósofo não é senão uma maneira de explicitar seu poder sobre o mundo, aquilo que ele é. E todavia sou livre, não a despeito ou aquém dessas motivações, mas por seu meio. Pois nesta vida significativa, esta certa significação da natureza e da história que sou eu, não limita meu acesso ao mundo, ao contrário, ela é o meu meio de comunicar-me com ele. É sendo sem restrições nem reservas, aquilo que sou presentemente, que tenho oportunidade de progredir, é vivendo meu tempo que posso compreender os outros tempos, é me entranhando no presente e no mundo, assumindo resolutamente aquilo que sou por acaso, querendo aquilo que quero, fazendo aquilo que faço, que posso ir além (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 611).

Portanto, faz-se necessário reedificar um mundo simbólico e relacional em torno do corpo humano, que em vez de ser domesticado ou reprimido, possa estimular a conscientização de um novo contexto social. Provavelmente deste modo, será possível concretizar um integrado ambiente cultural e, simultaneamente, diferenciado, que evite a automatização da vida humana. (Entretanto), É preciso deixar claro que é muito difícil buscar um corpo isento de todas dominações, porém, há a possibilidade de proporcionar experiências sociais que fujam das formas dominantes na atualidade, capazes de desenvolver características próprias de cada sujeito e que estejam distantes, por exemplo, dos aspectos padronizadores das instituições tradicionais.

Educação, cultura e corporeidade

A sociedade, considerada produtora de cultura, constantemente induz o homem a reproduzi-la, até mesmo porque ela é composta por uma estrutura social que frequentemente determina os valores, crenças, regras, hábitos que o ser humano deve seguir. Desta forma, o indivíduo é modelado, influenciado pelos padrões sociais e, normalmente, não se dá conta de todo o fenômeno, sendo que em consequência, não se encontra consciente de que é capaz de transformar o seu contexto social e de produzir cultura.

A educação como meio de formação do ser humano terá um valor significativo neste processo, quando no desenvolvimento de sua prática tratar o movimento como facilitador das relações humanas e interações sociais, considerando o homem como parte de um todo, ou seja, como um “ser-no-mundo”.

Além disso, o ser humano não é apenas um membro de uma classe social, mas um ser único e somente ele pode testemunhar sua própria experiência, envolvido nas inter-relações que permitem construir sua vivência singular e transformam o corpo humano numa unidade expressiva da existência, onde só pode manifestar-se de forma contextualizada, como um ser no mundo. Por isso, o autor afirma que o ser humano supera o corpo biológico do animal e alcança a dimensão cultural. Isto porque, possuindo a capacidade de produzir, de atribuir signifi-

cados e de criar hábitos, ele se expande em seu meio e torna-se um corpo dinâmico em suas relações no mundo.

As discussões realizadas a partir dos estudos antropológicos possibilitam compreender as diversas manifestações particulares de cada grupo social, como também, a relação existente entre o produtor de cultura - o homem - e o ambiente em que esta pode ser produzida - a sociedade. A cultura, vista como um componente que faz parte do objeto de estudo da antropologia, tem sua definição vinculada à ordem simbólica e o seu desdobramento no contexto social, revelando diferentes sentidos e significados expressos no comportamento dos indivíduos, os quais são influenciados por determinados valores e princípios.

Geertz (1989) explica que é possível observar que diante de determinados fenômenos, podemos encontrar várias interpretações, pois cada homem pode abstrair diferentes significados de uma mesma situação. Além disso, dependerá também dos códigos e valores do grupo ao qual pertence. Neste caso, a cultura é entendida como sendo um conjunto de significados que o homem constrói, e sua análise, uma ciência interpretativa à procura de significações.

Entretanto, a cultura é formada por um conjunto de estruturas de significados estabelecidos pela sociedade onde, para o autor supracitado, a atitude das pessoas é vista como uma resposta a determinadas intenções que podem estar a favor ou contra as concepções dos indivíduos. Assim, como frequentemente não nos colocamos entre outros indivíduos, como não nos vemos em sua realidade, torna-se difícil compreender outras culturas e, conseqüentemente, somos levados a somente interrogar comparativamente as culturas existentes, sem conhecer o que realmente significam.

Isso faz com que este corpo tenha oportunidade de se observar através de movimentos singulares, reconhecendo-se como sujeito, o que possibilita uma programação do seu agir e do cuidar de si mesmo.

Na perspectiva de uma filosofia da educação, a fenomenologia introduz a noção de cultura

como aquela que melhor nos permite entender a existência humana como fenômeno histórico, social, concreto, num mundo humano. O sentido da existência se fenomenaliza na cultura, isto é, manifesta-se nela de modo global, atingindo de fato a maneira de ser dos homens, seus sujeitos (REZENDE, 1990, p. 95).

Ao utilizar estratégias que questionem a forma pela qual nos movimentamos no cotidiano, estamos destacando suas implicações em nossa imagem corporal e nas atividades diárias. A diversificação da motricidade é um dos aspectos que complementa esse princípio educativo, possibilitando ao indivíduo ampliar a percepção da sua realidade e liberar seu potencial criativo, despertando segurança e desenvoltura para expressar-se.

Desde os primórdios, o movimento é a condição para o homem ter contato com o mundo, com ele mesmo e com os demais seres humanos. Hoje, por conta das máquinas, já não nos movimentamos como nossos antepassados, o que faz com que o movimento torne-se mecânico e automático; ou seja, passa a ser uma necessidade extra, subtraída de subjetividade e intencionalidade, da capacidade de expressão, comunicação, até mesmo, de criação. Tal fato dificulta nossa inserção e percepção como um ser no mundo.

Ao falarmos de uma aprendizagem humana e significativa, estávamos conotando o que a fenomenologia nos ensina sobre a apropriação do sentido como um dos aspectos mais importantes do fenômeno humano. Já a expressão corpo-próprio é bastante forte. Ela significa, por um lado, o não dualismo constitutivo do homem, e, por outro, a dimensão consciente do sujeito humano em sua condição corporal. Corpo-próprio e corpo-sujeito são expressões que se completam, na análise do comportamento. Falando a respeito da estrutura do comportamento, Merleau-Ponty procura mostrar como, nos três níveis da existência (fisiológico, biológico, humano), há uma apropriação do sentido, pelo sujeito, no processo de estruturação de seu comportamento. É sempre o sujeito que responde, se comporta, se adapta significativamente, e assim vive o sentido como princípio unificador da multiplicidade estrutural (REZENDE, 1990, p. 68 – 69).

Observando o contexto social atual, percebemos uma série de relações (homem/mundo, homem/homem e homem/si mesmo) apresentadas, cada vez mais, de forma quantitativa e, por consequência, cada vez mais superficiais. O que averiguamos nessas relações são ações reproduzidas conforme as imposições socioculturais, ainda que sem sentido para o ser que age, materializando consequências para si, para o outro e para o contexto do mundo que são ignoradas enquanto resultado de uma ação mecânica e impensada, desarticulada do contexto e da totalidade homem/mundo.

O mundo da vida (Lebenswelt) na esfera intersubjetiva é um mundo da vida do espírito. As pessoas humanas valem mais do que as coisas, pois elas são possuidoras de uma vida espiritual em comum, que as coisas não possuem. A coexistência tem como correlatas as ideias de comunidade, união, reciprocidade, solidariedade, irmandade, respeito mútuo liberdade, acolhimento, pluralismo, cidadania. O seu contrário – isto é, a não existência em comum ou ausência de compreensão empática – instauradoras de desunião, falta de solidariedade, desacolhimento ou indiferença, estrangeiridade, dominação, violência, desrespeito à liberdade, monopolitismo, totalitarismo. (CAPALBO, 2008, p. 141).

A proposta de considerar o Corpo Próprio² como base educativa é fundamentada numa perspectiva de educação que considera a condição humana em sua totalidade complexa e universal, de modo que o homem esteja representado no corpo-sujeito, consciente de si, do outro e de seu estar no mundo, sendo, por isso, capaz de produzir ações significativas, responsáveis e intencionais.

Podemos definir educação do sujeito como uma atitude de estruturação e valorização da sua corporeidade para que o indivíduo possa, cada vez mais, aproximar-se de si mesmo. O objetivo é, não apenas buscar o desenvolvimento da percepção relacionada à dinâmica corporal e à nossa realidade pessoal, mas também estimular a atenção à ação através de vivências corporais diferenciadas, a fim de conscientizar o praticante sobre a estrutura de sua identidade, oferecendo recursos para o indivíduo aprender, a partir da experiência corporal, a lidar com a relação

sentir – pensar – agir, por meio da tomada de consciência do corpo integral e do sentimento de universalidade.

Acreditamos que a educação deve colocar a pessoa (o ser humano) como centro do ato de viver e educar, não só na escola, mas nas múltiplas relações estabelecidas pelos indivíduos. A educação. Na perspectiva fenomenológica deve ser aquela que, além da informação, possibilita formação, completude ao ser humano, ser este que está em constante desenvolvimento, ser inacabado, incompleto, mas ser sensível, perceptível e, acima de tudo, humano, ser capaz de transcender. É por isso que a educação, como a entendemos, revela uma dimensão fenomenológica que tem no seu núcleo a problematização que envolve a sociedade, a cultura e o indivíduo (SILVA, 2003, p. 85).

Visamos também ampliar a capacidade de percepção e envolvimento nas relações estabelecidas, além de enriquecer a visão dos professores a respeito da corporeidade, concernente a eles mesmos e a seus alunos, quanto à ampliação de sua concepção sobre o processo educativo e suas responsabilidades diante de tais fatores. O processo de aprender pode acontecer a qualquer momento e em qualquer lugar, de maneira que o conceito de aprendizagem apresenta-se, então, atrelado à vivência geral do indivíduo. Nesse sentido, percebemos que a realidade escolar não é a única instância educativa; entretanto, deve-se ter ciência de que aquela instância educacional não pode renunciar ao seu papel peculiar de criar conscientemente experiências de aprendizagem, reconhecíveis como tais pelos sujeitos envolvidos.// Para adquirir esta consciência, a escola deve estar atenta, sobretudo, ao fato de que a corporeidade de seres vivos concretos é a sua referência básica.

Considerações finais

Diante do exposto, é possível entender o movimento humano a partir de pressupostos teóricos oriundos das ciências sociais e humanas. Contudo, através de leituras pertinentes à área de conhecimento da Filosofia, Antropologia e da Sociologia é que se visualiza esta relação dentro de uma variabilidade cultural, em que as práticas sociais denotam conotações distintas em cada contex-

to social. O corpo, que se manifesta por meio do movimento humano, apresenta códigos e crenças que foram apropriados em virtude de um determinado padrão cultural produzido e herdado pelo próprio homem. Então, o homem e o corpo são considerados como produtores e transmissores de cultura.

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para o controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que realmente eles se tornam, um por um. Torna-se humano é torna-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção as nossas vidas. Os padrões culturais envolvidos não são gerais, mas específicos (GEERTZ, 1989, p. 64).

A opção pela análise fenomenológica de Merleau-Ponty abre perspectivas que permitem ultrapassar os antigos conceitos do corpo como máquina, como órgão executor ou como objeto de propriedade. Ao considerar a concepção de Corpo Próprio em Merleau-Ponty, assumimos a defesa de que o corpo não pode ser tratado como se fosse uma justaposição de partes que interagem entre si. Levando-se em conta tal conceito Corpo Próprio, o movimento é visto como uma experiência espontânea e intencional. Por estar encarnado no mundo e possuir uma cultura, o indivíduo precisa também ser estimulado e despertado, com relação a sua motricidade, de forma que não haja separação entre a realização mecânica e a significação para o sujeito que se movimenta.

O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece “subjetivo”, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito. Portanto, com o mundo enquanto berço das significações, sentido de todos os sentidos e solo de todos os pensamentos, nós descobríamos o meio de ultrapassar a alternativa entre realismo e idealismo, acaso e razão absoluta, não-sentido e sentido. O mundo tal

como tentamos mostrá-lo, enquanto unidade primordial de todas as nossas experiências no horizonte de nossa vida e termo único de todos os nossos projetos, não é mais o desdobramento visível de um Pensamento constituinte, nem uma reunião fortuita de partes, nem, bem entendido, a operação de um pensamento diretriz sobre uma matéria indiferente, mas a pátria de toda racionalidade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 576).

A convivência com os outros corpos implica numa influência recíproca dos sentidos, dos significados que ocorrem na permanente influência que criam neles novos sentidos, e que os revestem de novos significados. A educação dos sentidos seria justificada pela necessidade de aprender e reaprender a ver mundo. Essa transição da experiência corporal espontânea para uma experiência motriz orientada seria conduzida por processos educativos fundados no princípio do Corpo Próprio. Portanto, é fundamental compreender que o corpo é o resumo da cultura, pois representa elementos específicos como valores, normas e costumes da sociedade na qual está inserido e que os gestos executados pelo homem, o modo como se expressa corporalmente, o tipo de atividade que escolhe, tudo é influenciado pela cultura.

O movimento humano deve ser fundado na motricidade humana, de forma que não haja separação entre a realização mecânica e a significação para o sujeito que se movimenta. Todo movimento é inteligente, e deve ser intencional, possuindo sentido e significado. Essa intencionalidade deve ser despertada ao solicitar a realização de movimentos pelos alunos. O educador precisa considerar que, ao realizar movimentos, os alunos são sujeitos, cuja condição corporal marca sua singularidade e autonomia.

Aprender significativamente é aprender a estabelecer relações significativas, no reconhecimento de que o sentido se articula e circula no interior da estrutura. A este propósito, já tivemos a ocasião de dizer que, sendo a estrutura simbólica uma estrutura de estruturas, a dialética, para a fenomenologia, não é praticada de maneira unidimensional, mas pluridimensional ou polissêmica. Trata-se de estabelecer todas as relações significativas possíveis, não apenas de

contradições, mas de contrariedade (REZENDE, 1990, p. 53).

O conhecimento tratado na escola deve servir primeiramente para o aluno se conhecer melhor e todas as suas circunstâncias; deve também servir para conhecer o mundo; para adquirir as habilidades e as competências do mundo do trabalho; para tomar parte nas decisões da vida em geral, social, política, econômica; servir para compreender o passado e projetar o futuro; e, finalmente, servir para a comunicação - para comunicar o que se conhece, para conhecer melhor o que já é conhecido e para continuar aprendendo.

Quando perguntamos sobre o lugar do corpo na educação, indagamos fundamentalmente sobre o modo pelo qual o corpo foi compreendido nos currículos escolares, sobretudo na relação com a construção e apropriação dos saberes na cultura escolar. A perspectiva de currículo aqui abordada certamente não esgota a questão; o objetivo principal é refletir sobre algumas maneiras de compreender a cultura do corpo na educação. Neste sentido, apresentamos elementos para o debate e aprofundamentos em contextos mais específicos e que consideram as distintas realidades que configuram o espaço escolar (NÓBREGA, 2005, p. 609).

A Concepção fenomenológica da educação orienta-se essencialmente pelos caminhos da experiência percebida, e assim sugere um posicionamento interativo com o mundo, abrindo possibilidades de observar os fenômenos como eles se manifestam. Ao tratarmos das práticas educativas, evidenciamos a necessidade de compreendermos a noção de Corpo Próprio, para que possamos compreender a capacidade para projetar e captar significações diversas. Através das potencialidades corporais o homem se destaca como um ser cultural, aquele que produz por intermédio destas potencialidades um mundo expressivo recheado de significados. E é a procura pelo sentido das coisas que se faz necessário nas interações pedagógicas, em que o professor tem a sua volta as condições de reconstruir, de inovar ativamente os meios que possam essencialmente conduzir o processo de aprendizagem. É nesse sentido, que a prática pedagógica precisa ser orientada por um princípio educativo,

que nos incentive a meditar e a refletir sobre as consequências dos fatos, das próprias ações, do próprio sentir. Um aprendizado de vida, na responsabilidade humana, da construção da própria vida. Todos nós somos aprendizes, em relação a ele, constantemente como desafiados a nos tornar mais plenamente sujeitos de nossa própria história, sujeitos de nosso próprio discurso cultural.

Para fins de apropriação e conscientização do estar no mundo, a educação deve tratar de conhecimentos relativos ao contexto macro, ao mundo, à realidade complexa em que se está inserido. Nesse sentido, deve-se rejeitar a educação com ênfase em saberes desunidos, divididos e compartimentados, e enfatizar trabalhos que aludam a problemas de conhecimento cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários.

Notas

1 "O mundo social não é fixo, nem estável, mas dinâmico e mutante devido ao seu caráter inacabado e construtivo" (SACRISTÁN & GÓMEZ, 1989, p.14).

2 "Enquanto tenho um corpo e atuo através dele no mundo, o espaço e o tempo não são para mim uma série de pontos justapostos, menos ainda uma infinidade de relações sobre as quais minha consciência operaria a síntese e onde ela implicaria meu corpo. Eu não estou no espaço e no tempo; não penso o espaço e o tempo. Eu sou em relação ao espaço e ao tempo. Meu corpo *se aplica* a eles e os abraça" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 407).

Referências

- DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- LOVISOLO, H. **Educação Física: arte da mediação.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** (Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo.** *Educ. Soc.* [online]. maio/ago. 2005, vol.26,

no.91, p.599-615. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 28/10/2010.

REZENDE, A. M. de. **Concepção Fenomenológica da Educação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

SACRISTÁN, J Gimeno & GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e Transformar o ensino.** Porto Alegre, Artmed, 1998.

SILVA, C. C. "A Educação e sua Dimensão Fenomenológica". In. PEIXOTO, A. J. **Interações Entre Fenomenologia e Educação.** Campinas: Alínea, 2003.

SILVA, Maria C. de Paula. **Do corpo objeto ao sujeito histórico; Perspectivas do corpo na história da educação brasileira.** Salvador; EDUFBA, 2009.

SILVA FILHO, A. C. "Para quê Fenomenologia 'da' Educação e 'na' Pesquisa Educacional?" In: **Revista Trilhas**, v. 8, n. 17, julho de 2006. p. 1-13.

Data de recebimento 14/07/2014

Data de aprovação 09/08/2014

Data de aprovação 29/08/2014

